

COLHEITA LIRICA

REINALDO MOURA

T(1036) Sist. 31590

REV. ELI 0047

Eu tenho um pesar que remonta, no meu espirito, cinco seculos de conquistas para a retorica inutil da nossa civilização. E' o erro de dois triunfos, de duas raças cujo ciclo dinamico, pouco depois, se encerrava na morte sem ressurreição de um mundo adormecido, sobre ramos de loiro que não eram mais da renascença ds povos, mas vinham da agonia de um esplendor remoto. Só a presença, entre nós, da raça que iluminou, no berço incerto do ocidente, a magia da civilização mediterranea, consola e promete. Seja por isso, da nossa aliança eterna, e da fusão de dois sangues, o futuro da nacio-

O mosto embalsama o ar da cidade da uva. Embora o fruto conserve a sua rubra virgindade, o sol estival fermenta, num anseio volutuoso, as seivas que escorrem nesse perene sangrar da fartura. Ha o vinho que cintila nos calices de todas as misas do Brasil, e participa do sacrificio divino. Ha toda a gloria da cidade cor de sangue nessa festa pagã, da qual ela é a formosa celebrante.

O sacrificio da uva exalta os homens.

O vinho não gera o drama doloroso dos outros fatores da civilização economica da Nação. O cenario imenso e ondulante encri-

uma nobresa onde resplandecem em oiro os alfanges e as asas vencedoras.

O emigrante conquistou a escarlata riqueza. Foi uma batalha silenciosa e obscura para uma estirpe de desenraizados.

O habito fez esquecer a visão do trabalho infatigavel desse mundo ardente que tem o rumor e o encanto de uma colmeia sem rainha.

A multiplicidade das fórmãs de atividade industrial fez desse recanto da terra o mais fremente dos apelos ao homem do Rio Grande. Nesse espelho de mil faces os homens tristes fremem num arrependimento de não te-

um "cliché" magnifico de Caxias ha cincoenta anos atrás. E' uma estrada que nasce não se sabe onde e vai em busca do desconhecido, como um colejo da esperança, perder-se entre os pinheirais que delimitam aquele nucleo primitivo. A' beira da estrada construções de madeira. Eu fico pensando na gélda brancura daquela paisagem que parece um trecho escolhido da Europa, quando, no melancolico cenario do inverno, a neve, como os fragmentos de uma lua sem luz magnolisa num sudario de enocho as creações dos homens.

Porque a historia?

Caxias é a realidade empol-



nalidade.

Melo seculo!

Por certo a esperança daqueles que madrugaram no verde cenario da serra, era o melhor vaticinio destes dias que estamos vivendo, e a mais forte afirmação de uma sincera vontade de vencer.

Que miragem atraiu a imaginação do emigrante para este recanto de paraiso, onde tudo estava por construir? A raça lirica não teve um momento de duvida, um instante de descrença, uma hora de arrependimento, quando cerrou os olhos á saudade do esplendor peninsular, que morria dentro da nevoa do Mediterraneo, na luz das retinas tristes de sonho daqueles que fugiam com as asas místicas da fé, para um paiz de promessas, dentro do esmorecimento de cinza da paisagem em torno. Dizer adeus á Europa tentacular, que subjuga todas as imaginações pelo encanto eterno de uma civilização que é uma permanente orgia espirítual, significa a força creadora que procura a virgindade de novos mundos, para a expansão que semela na terra distante os germens de uma cultura trabalhada pelos seculos.

Essa festa da uva que Caxias — a cidade dos crentes! — realisa, deante da nossa admiração de espectadores deslumbrados, é o fruto de melo seculo de esforço fecundo, tão nobre que dele o Rio Grande fez o seu orgulho nesta hora bem dita, tão fertil em consequencias que tornou a nossa gleba a monopolisadora natu-

malda a pauta escura das colonias, é um diadema e um encanto no coração alegre das culturas, e espalha pela terra o sensual quebranto de sua alma volutuosa.

Agora, a festa das uvas!

Em cada inicio de safra ha um ritual propiciatorio. A festa rubra anima a esperança dos homens.

Uma demonstração. Nada mais que essa inelutavel necessidade que o homem sente de esternar, num gesto de alegria, numa atitude espressiva de triunfo, o jubilo de que se sente possuido na hora sagrada de sua vitória sobre a natureza, como si saísse sangrando da tempestade das lutas, para ostentar ao sol participante de sua gloria, o escudo de

rem iniciado ainda a grande marcha economica da produção. Porque, si a terra perfumada nesse inebriamento incessante do sacrificio da festa, restitue aos seus possuidores, num volutuoso contato, as virtudes da felicidade profunda, é porque nesse intercambio infatigavel recebeu das mãos que souberam construir a cidade, a semente sagrada da civilização.

Marcucci!

O nome do homem que sintetisa todas as aspirações deste instante no ambiente da cidadela sagrada do entusiasmo, é como uma bandeira.

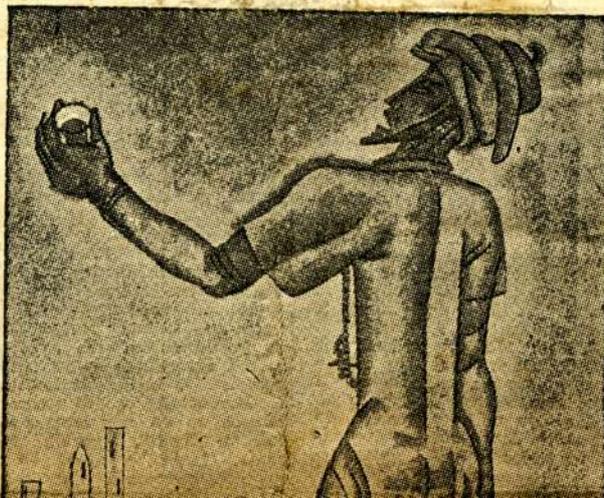
Aqui na redação estou vendo

gante. Nela parece que as ondas invisíveis da vida encontraram a volutuosa amplidão de um estuario. E se desdobram numa multiplicação infinita, até a agonia, de suas ultimas ressonancias.

Para quem, delimitado na contingencia do tempo apenas envolve com a curiosidade assomburada dos olhos o presente sensacional, a saudade não é mais que uma inutil ficção. Advinha-se num relampago o passado sem uma detida observação dessa corrente incessante que fez da illusão do tempo um doloroso manancial. Porque o espirito moderno participa de todos os dons divinatorios que o misterio espalhou nas consciencias humanas, e repele a evocação para o silencio tranquilo dos museus.

A cidade do presente ali está. Caxias na festa das uvas que é a festa da fecundidade, Caxias que abriu avenidas no coroção selvagem das colonias, para a precisão eterna do trabalho, realiza na hora de sua mais alta religiosidade, a consagração anual de seu tesouro de beleza, de doçura, de volutuosa exaltação. E tem tão grande alma para compreender profundamente o sentido de seu valor e de sua grandeza, que entre os altares da civilização que ali semeou com o seu amor que canta, poz a mascara eterna do poeta como uma perda e melancolica ressonancia.

Das grandes arvores deitadas, do rizoma infinito que anda pelo ar trazendo a copa sagrada...



...a monopossuidora natural de uma das mais notáveis produções brasileiras.

Caxias!

Mesmo na hora tragica da incerteza e do desespero, na hora suprema do drama economico cujo cenario espantoso é a debacle do mundo, a cidade tem essa força que dissipa as apreensões e faz acreditar na salvação. Ela toda é neste instante da celebração festiva, uma alegria triunfal. E' essa inquebrantavel vontade de ser a coluna mestra da nossa economia que a torna admiravel no instante em que vai abrir á luz da realidade o seu sonho espetacular.

A Uva!

Quando começa a florir na sombra verde o polvo ilimitado, ninguém advinha naquele vago perfume de sonho o anuncio dos cachos de ametista. A sensação fica no ar, ha como que um prolongamento da seiva no azul envolvente, e insetos de oiro preludiam ao sol, entre as oscilações das ramadas, a festa dos frutos roxos.

Caxias!

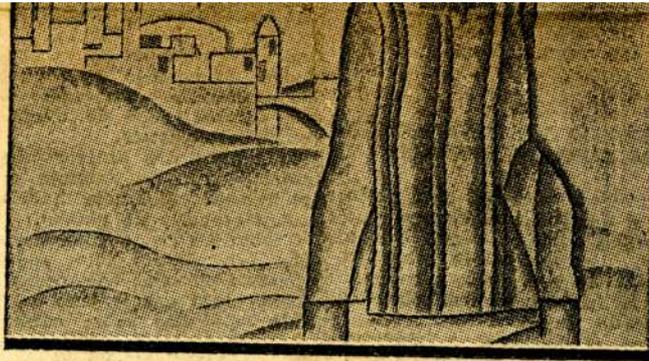
Toda uma região de oratorios onde a alma se concentra um instante na silenciosa estrada colonial, pensando na Virgem de coração tão simples como aqueles que passam cantando para o mundo.

A fatalidade da formação rio-grandense colocou naquele paraizo que está mais perto do céu, e onde, ás vezes, neva a brancura que anda no alto, a cidade que sangra, todos os anos, pelas bocas de rubi palpitante das cantinas a perfumada seiva que era a alegria dos deuses desaparecidos, e o sorriso sincero de Dionisios.

DO CANTICO DOS CANTICOS

Um cacho de Cipre nas vinhas de Engendi é para mim o meu amado.

E' o teu paladar como o bom vinho para o meu amado, que se bebe suavemente, e faz com que falem os labios dos que dormem.



Bebamos vinho! Esqueçamos que a brisa desfolhou a rosa, e le-yará o canto do rouxinol e a nuvem que nos dá neste momento uma sombra tão preciosa...

Omar KHAYAN

VINDIMA

Vamos colher as uvas molhadas pelo orvalho e tapetar de folhas o ingenuo sanburá

Em cada cacho maduro ha uma pupila.

Quem será que ensina a estas aranhas a tecer o fio fragil do aranhol, e movimenta á sombra escura da parreira a dança loura do sol?

Vamos colher as uvas.

Vamos cortar os cachos de efemero sabor.

As tuas mãos morenas são ageis como aranhas e têm caricias gulosas para os frutos.

Prova o sumo sanguineo.
Tinge os teus labios no sangue da videira.

No teu cabelo o sol floresce uma coroa,
Mergulhando os braços na folhagem,
és uma arvore moça,
és uma vinha selvagem que oferece
cachos de beijos para a minha fome!

Augusto MEYER

ar traçando a coroa sagrada, raparigas cantando colhem o humido tesouro cor das olheiras dos santos e cor das tardes impressionistas. Vem em cestos enormes a espessa colheita resplandecente ao sol. E já não é mais a virgindade melancolica daquele primitivo aroma, o vago incenso creador de um desejo sem forma e sem pecado. E' a assencia inquietada do fruto, como as gargalhadas da vida que extravasa e os apêlos que vêm de longe para os sentidos crepitantes, depois da sésta da puberdade! Todo o ambiente fica envolto na estival alegria. Aquela exaltação capitosa parece que anda zumbindo no ar, com as vespas de azas de oiro e anéis rutilantes de safiras e olhos oblongos de coral.

A uva traz o batismo de sua inebriante primavera para a alegria dos homens. Nessa transfusão do sangue que subiu do silencio das raizes para tentar a sensualidade dos ultimos pagãos da terra, ha qualquer coisa de milagre. Ha o milagre de uma estranha metempsicose. Parece que todo o lirismo cuja voz sagrada alagava de amorosa febre a magia da peninsula, canta agora pelos labios vermelhos dos pomos capitosos a eterna canção dos santos e dos poetas, dos místicos e dos ardenteg creadores da maravilhosa renascença, numa oferta sobrenatural de beleza aos homens irmãos no fulgor deste lado do Atlantico.

E' a mais formosa recompensa á nossa fraternidade, porque brota da terra, vem do trabalho que santifica, e não é mais que o feitiço de um perfume, o sabor de uma seiva de ametistas, a redonda educação de um fruto. A uva é a vitoria de duas raças.

PENSAMENTOS SOBRE O VINHO

Basta um dedo de vinho para fortalecer a esperança. — Be-ranger.

Um pouco de vinho tomado moderadamente, é um remedio para a alma e para o corpo. — Vol-taire.